

R. J. RUMMEL

**MORTOS  
PELO  
GOVERNO**

Tradução de  
André Morgado

alma  
dos  
livros

# Capítulo Um

## 169,198 MILHÕES ASSASSINADOS: SUMÁRIOS E CONCLUSÕES

«O poder extirpa gradualmente do espírito todas as virtudes humanas e gentis.»

Edmund Burke, *A Vindication of Natural Society*

«O poder, como desoladora pestilência,  
Conspurca tudo o que toca.»

Shelley, *Queen Mab III*

«O poder tende a corromper; o poder absoluto corrompe  
absolutamente.»

Lorde Acton, *Letter to Bishop Creighton*

O poder mata; o poder absoluto mata absolutamente. Este novo Princípio do Poder é a mensagem que emerge do meu trabalho anterior, sobre as causas da guerra<sup>11</sup>, e deste livro, sobre o genocídio e os assassinios em massa governamental – aquilo a que chamo *democídio* – no século xx. Quanto mais poder tem um governo, mais pode agir arbitrariamente de acordo com os caprichos e desejos da elite, mais guerra fará contra outros e mais sujeitos estrangeiros e domésticos matará. Quanto mais limitado, descentralizado, fiscalizado e balanceado for o poder dos governos, menos irá agredir outros e cometer democídio. Nos extremos do Poder<sup>12</sup>, os governos totalitários comunistas mataram os seus povos às dezenas de milhões. Em contraste, muitas democracias mal conseguem executar assassinos em série.

Estas afirmações são extremas e categóricas, mas as provas acumuladas aqui e noutros lados também o são. Considere-se primeiro a guerra. A tabela 1.1 mostra a ocorrência de guerra entre nações desde 1816. Nunca houve uma guerra envolvendo ação militar violenta entre

democracias estáveis<sup>13</sup> (embora tenham combatido, como todos sabemos, não-democracias). A maior parte das guerras deu-se entre não-democracias. De facto, temos aqui um princípio geral que vai ganhando aceitação entre estudantes de relações internacionais e da guerra: *as democracias nunca ou raramente travam guerras entre elas*. A isto acrescento que, quanto *menos* democráticos são dois Estados, *mais* provável é que combatam entre eles.

TABELA 1.1  
Guerras entre democracias e não-democracias, 1816–1991

Díade <sup>a</sup>	Guerras <sup>b</sup>
Democracias <i>vs.</i> democracias	0
Democracias <i>vs.</i> não-democracias	155
Não-democracias <i>vs.</i> não-democracias	198
Total	353

<sup>a</sup> Democracias estáveis. Exclui-se apenas a guerra entre as efémeras República de França e República de Roma em 1849.

<sup>b</sup> Definida como qualquer ação militar em que pelo menos mil pessoas são mortas. De Small e Singer 1976, 1982; estimativas mais recentes do autor.

A beligerância do Poder sem restrições não é uma característica dum pequeno número de democracias nem da nossa era. Por um lado, o número de Estados democráticos, em 1993, é de cerca de 75 ou, tendo em conta 48 territórios relacionados, cerca de um quarto da população mundial.<sup>14</sup> Contudo, não houve guerra – nunca – entre eles. Nem há ameaça de guerra. Criaram um oásis de paz.

Isto é também historicamente verdade para as democracias. Se adotarmos definições menos rígidas de democracia, assumindo que tratamos apenas da limitação de Poder através da participação das classes médias e baixas na determinação dos detentores de poder e da definição de políticas, então houve muitas democracias ao longo da História. E, quer se considere as gregas clássicas, as florestais da Suíça medieval ou as modernas, não lutaram nem lutam entre si (dependendo de como a guerra e a democracia são definidas, alguns podem preferir dizer que *raramente* lutaram ou lutam entre si).<sup>15</sup> Mais ainda, assim que Estados que foram inimigos mortais, que frequentemente se envolviam em guerras (como a França e a Alemanha nos últimos séculos), se tornaram democráticos, a guerra cessou entre eles.<sup>16</sup> Paradigmático disto é a Europa ocidental desde

1945. Caldeirão das nossas mais desastrosas guerras durante muitos séculos, não se encontraria um especialista, em 1945, tão audacioso que previsse não apenas 45 anos de paz, mas também que, ao fim desse período, existiria uma comunidade europeia com instituições governamentais centralizadas, movendo-se no sentido de uma força militar europeia unida pela França e a Alemanha, com zero expectativa de ocorrer violência entre estes antigos Estados hostis. Contudo, isso aconteceu. Tudo porque todos são democracias.<sup>17</sup>

Mesmo que tudo o que se possa dizer sobre o Poder absoluto e arbitrário fosse que provoca a guerra e o conseqüente massacre dos jovens e mais capazes da nossa espécie, isto seria suficiente. Mas, muito pior, como os estudos de caso deste livro vão mais do que atestar, mesmo sem a desculpa do combate, o Poder também massacra a sangue-frio as pessoas indefesas que controla – de facto, *várias vezes mais*. Considere-se a tabela 1.2 e o gráfico 1.1, com a lista dos *mega-assassinos* no século xx: os Estados que mataram a sangue-frio, fora da guerra, um milhão ou mais de homens, mulheres e crianças. Estes 15 mega-assassinos exterminaram mais de 151 milhões de pessoas, cerca de quatro vezes os quase 38,500 milhões de mortos de todas as guerras internacionais e civis do século xx até 1987.<sup>18</sup> Os Poderes mais absolutos – nomeadamente, a URSS comunista, a China, e os antigos guerrilheiros de Mao; os Khmers Vermelhos cambojanos, o Vietname, a Jugoslávia e a fascista Alemanha nazi – são responsáveis por quase 128 milhões de mortos, ou 84%.

A tabela 1.2 também mostra a taxa anual de democídio (a percentagem da sua população que um regime mata por ano) para cada mega-assassino. A tabela 1.1 sobrepõe graficamente o total destes dados no total de assassínios. Mega-assassinos em massa, como a União Soviética e a China comunista, controlavam populações enormes, resultando numa taxa anual pequena de democídio. Os mega-assassinos mais pequenos apresentavam maior letalidade para as suas próprias populações.

A tabela 1.3 lista os 15 regimes mais letais, e o gráfico 1.2 apresenta-os num gráfico de barras. Como se pode ver, nenhum outro mega-assassino se aproxima sequer da letalidade dos Khmers Vermelhos comunistas no Camboja durante o seu regime, de 1975 a 1978. Como será descrito no capítulo 9, em menos de quatro anos de governo, exterminaram mais de 31% dos seus homens, mulheres e crianças. A probabilidade de qualquer cambojano sobreviver a estes quatro longos anos foi de apenas 2,2 para 1.

TABELA 1.2  
Democídio no século xx

Regime	Democídio (000) <sup>a</sup>			Taxa anual (%) <sup>b</sup>	
	Anos	Total	Doméstico Genocídio		
<b>Mega-assassinos</b>	1900–87	151 491	116 380	33 476	0,92 <sup>d</sup>
<b>Decamega-assassinos</b>	1900–87	128 168	100 842	26 690	0,18 <sup>d</sup>
URSS	1917–87	61 911	54 769	10 000	0,42
China (PRC)	1949–87	35 236	35 236	375	0,12
Alemanha	1933–45	20 946	762	16 315	0,09
China (KMT)	1928–49	10 075	10 075	–	0,07 <sup>e</sup>
<b>Mega-assassinos menores</b>	1900–87	19 178	12 237	6184	1,63 <sup>d</sup>
Japão	1936–45	5964	–	–	–
China (soviéticos de Mao) <sup>f</sup>	1923–49	3466	3466	–	0,05
Camboja	1975–79	2035	2000	541	8,16
Turquia	1909–18	1883	1752	1883	0,96
Vietname	1945–87	1678	944	–	0,10
Polónia	1945–48	1585	1585	1585	1,99
Paquistão	1958–87	1503	1503	1500	0,06
Jugoslávia (Tito)	1944–87	1072	987	675	0,12
<b>Mega-assassinos sob suspeita</b>	1900–87	4145	3301	602	0,24 <sup>d</sup>
Coreia do Norte	1948–87	1663	1293	–	0,25
México	1900–20	1417	1417	100	0,45
Rússia	1900–17	1066	591	502	0,02
<b>Cento-quiloassassinos</b>	1900–87	14 918	10 812	4071	0,26
<b>Top 5</b>	1900–87	4074	2192	1078	0,89
China (senhores da guerra)	1917–49	910	910	–	0,02
Turquia (Atatürk)	1919–23	878	703	878	2,64
Reino Unido	1900–87	816	–	–	–
Portugal (ditadura)	1926–82	741	–	–	–
Indonésia	1965–87	729	579	200	0,02
<b>Assassinos menores</b>	1900–87	2792	2355	1019	0,13 <sup>d</sup>
<b>TOTAL MUNDIAL</b>	1900–87	169 202	129 547	38 566	0,09 <sup>f</sup>

<sup>a</sup> Inclui genocídio, politicídio e assassinio em massa; exclui mortos de guerra. São as estimativas medianas mais prováveis entre as maiores e as menores. Os números podem não dar a soma total devido ao arredondamento.

<sup>b</sup> Percentagem anual da população assassinada em democídio pelo regime.

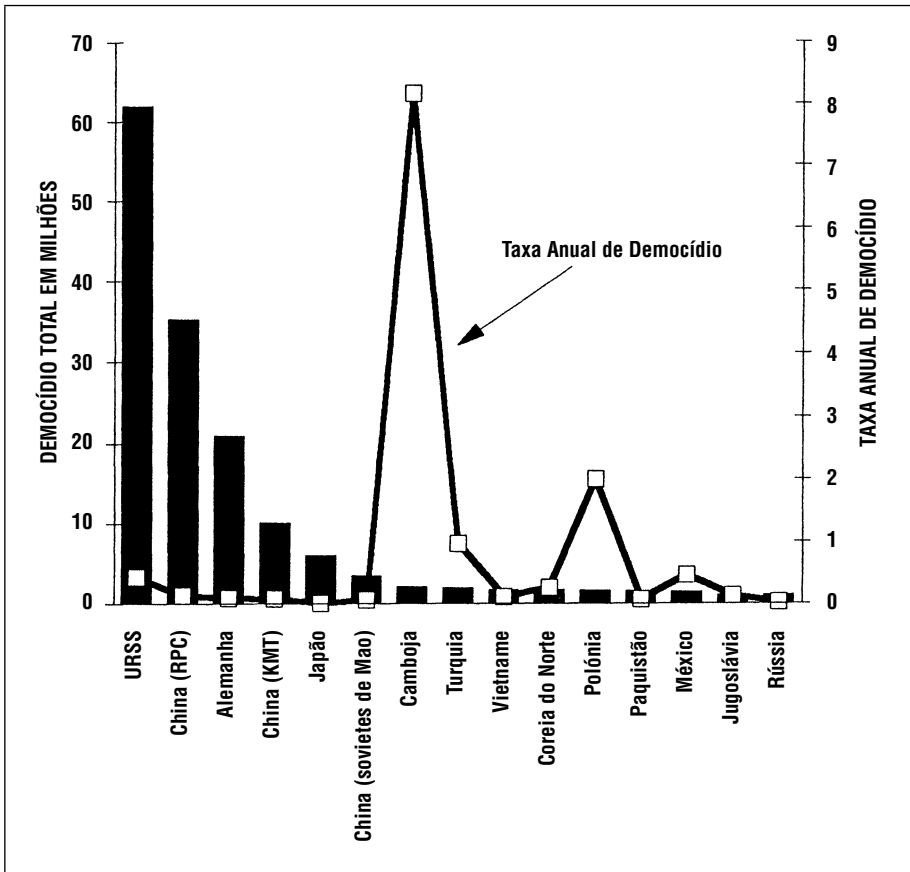
<sup>c</sup> Período de guerrilha

<sup>d</sup> Média

<sup>e</sup> A taxa é a média dos três períodos sucessivos.

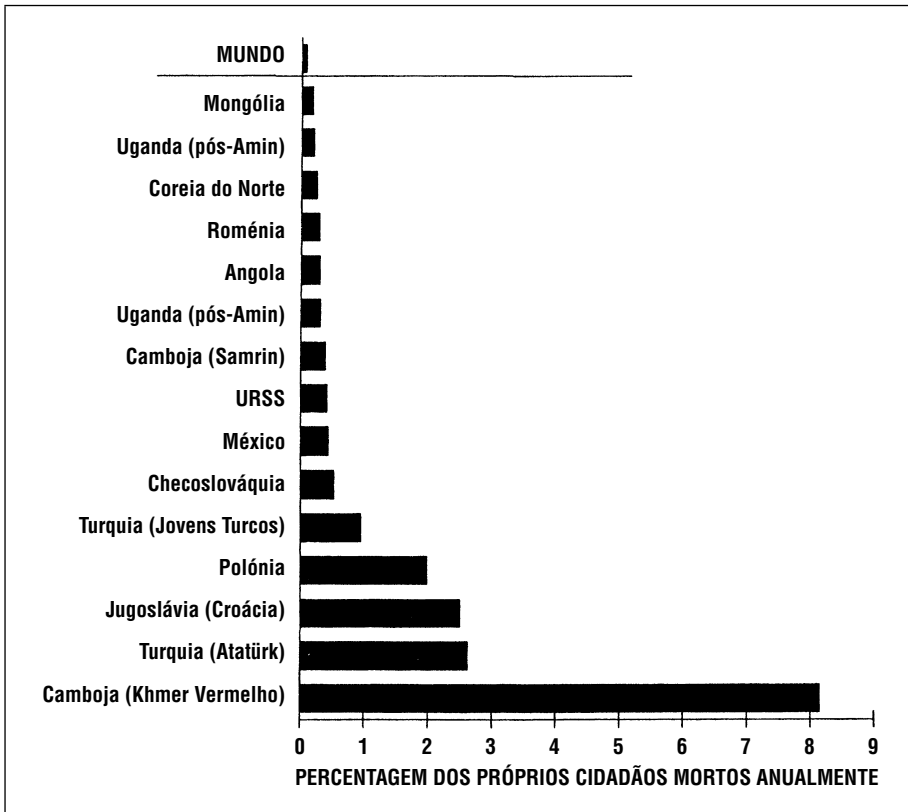
<sup>f</sup> A taxa anual mundial é calculada de acordo com a população global em 1944.

GRÁFICO 1.1  
 Mega-assassinos e taxas anuais de democídio  
 (Da tabela 1.2)



Depois há os quiloassassinos, ou seja, os Estados que mataram inocentes às dezenas ou centenas de milhares, tais como os cinco primeiros listados na tabela 1.2: os senhores da guerra da China (1917–49), a Turquia de Atatürk (1919–23), o Reino Unido (principalmente devido ao bloqueio alimentar de 1914–19 das Potências Centrais durante e após a I Guerra Mundial, e os bombardeamentos indiscriminados de cidades alemãs de 1940–45), Portugal (1926–82) e a Indonésia (1965–87). Alguns dos quiloassassinos menos importantes foram o Afeganistão comunista, a Angola, a Albânia, a Roménia e a Etiópia, assim como a autoritária Hungria, o Burundi, a Croácia (1941–44), a Checoslováquia (1945–46), a Indonésia, o Iraque, a Rússia e o Uganda. Pelo bombardeamento

GRÁFICO 1.2  
Letalidade democrática



indiscriminado de civis alemães e japoneses, os Estados Unidos devem também ser acrescentados a esta lista (ver as minhas Estatísticas da Democracia). Estes e outros quiloassassinos acrescentam quase 15 milhões de pessoas mortas ao democídio do século xx, como se pode ver na tabela 1.2.

Claro que dizer que um Estado ou regime é um assassino é uma personificação conveniente de uma abstração. Os regimes são, na realidade, pessoas com o poder de comandar toda a sociedade. Foram estas pessoas que cometeram os quilo e mega-assassínios do século xx, e não devemos esconder a sua identidade sob a abstração de «Estado», «regime», «governo» ou «comunista». A tabela 1.4 enumera os homens mais notória e singularmente responsáveis pelos mega-assassínios deste século.

TABELA 1.3  
Os 15 regimes mais letais

Regime <sup>a</sup>	Regime			Taxa anual (%) <sup>b</sup>	Democídio doméstico (000)	População a meados do período (000)
	Anos	Duração (anos)	Tipo			
Camboja (Khmers Vermelhos)	1975–79	3,83	C	8,16	2000	6399
Turquia (Atatürk)	1919–23	4,08	A	2,64	703	6500
Jugoslávia (Croácia)	1941–45	4,17	A	2,51	655	625
Polónia (pós-II Guerra Mundial)	1945–48	3,33	A	1,99	1585	23 930
Turquia (Jovens Turcos)	1909–18	9,17	A	0,96	1752	20 000
Checoslováquia (pós-II Guerra Mundial)	1945–48	2,83	A	0,54	197	12 916
México	1900–20	21,00	A	0,45	1417	15 000
URSS	1917–87	71,00	C	0,42	54 769	184 750
Camboja (Samrin)	1979–87	8,92	C	0,40	230	6478
Uganda (Amin)	1971–79	8,33	A	0,31	300	11 550
Angola	1975–87	12,17	C	0,30	125	3400
Roménia (Carol/Michael)	1938–48	10,08	A	0,29	484	16 271
Coreia do Norte	1948–87	39,33	C	0,25	1293	13 140
Uganda (pós-Amin)	1979–87	8,75	A	0,20	255	14 300
Mongólia	1926–87	61,17	C	0,19	100	873
MUNDO	1900–87	17,46 <sup>c</sup>		0,24 <sup>c</sup>	129 909 <sup>d</sup>	2 325 000 <sup>e</sup>

Chave: A = autoritário; C = comunista

<sup>a</sup> Regimes com mais de um ano e uma população maior de 750 mil.

<sup>b</sup> Percentagem anual de cidadãos mortos por democídio pelo regime.

<sup>c</sup> Média

<sup>d</sup> Total

<sup>e</sup> Para 1944.

Estaline, de longe, encabeça a lista. Ordenou a morte de milhões de pessoas, pondo conscientemente em ação um conjunto de acontecimentos que levaram à morte de milhões de outras, e, como ditador supremo, foi responsável pela morte de ainda mais alguns milhões pela mão do seu capanga. Pode ser uma surpresa encontrar Mao Tsé-Tung na linha seguinte como o maior assassino do século xx, mas isso é apenas porque a extensão total da matança comunista na China, sob a sua chefia, não tem sido amplamente conhecida no Ocidente. Hitler e Pol Pot estão naturalmente entre estes tiranos sangrentos. Quanto aos outros, cujos nomes podem parecer estranhos, os seus mega-assassínios são descritos em pormenor nos capítulos relevantes. A monstruosa sangria destes nove homens deve ser inscrita num Salão de Infâmia. Os seus nomes devem avisar-nos para sempre do potencial mortífero do Poder.